



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/o-que-mais-a-vida/>

## O que mais a vida poderia ser?\*

Fernanda Carla de Moraes Augusto<sup>1</sup>

Flávia Liberman<sup>2</sup>

Marina Guzzo<sup>3</sup>

**RESUMO:** A partir de um ponto de vida para observar o mundo, em cultivo situado de experiências e palavras, entre lagoas, bruxas e paisagens multiespécies, um convite à narratividade e ao encantamento da vida. Visões e poéticas sobre a existência produzindo refúgios, processos de subjetivação, resistência. Um movimento de pensamento atento à lógica colonial capitalista e seu sufocamento de modos de viver, suas manchas pluridimensionais, estéticas e políticas; com olhares ao Antropoceno e à mutação climática, atmosférica, geológica, vital. A problematização da Ciência como campo de poder, de hierarquia, sexismo, racismo, com partes desiguais de privilégio e opressão. As formas de narrar envolvem uma posição em relação ao mundo e a si mesmo, os sistemas de percepção são ativos, traduzem, criam modos parciais de ver e de organizar mundos, o que implica politicamente a produção de conhecimentos. A invenção de outros horizontes e perspectivas de produção de saberes potentes na desconstrução de eixos de dominação e na ampliação da vida. Saberes localizados, redes de conexão e aberturas, interseccionalidade, micropolítica ativa. Devir-decolonial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modos de existência. Produção de conhecimentos. Resistência.

---

## What else could life be?

**ABSTRACT:** Starting from a life point of view to the world, in situated cultivation of experiences and words, between lagoons, witches and multispecies landscapes, an invitation to narrativity and to enchantment of life. Visions and poetics about existence producing refuges, processes of subjectification, resistance. A mindful thought movement to the colonial capitalist logic and its suffocation of living ways, its multidimensional, aesthetic and political marks; looking at the Anthropocene and the climatic, atmospheric, geological, vital mutation. The problematization of Science as a power field, of hierarchy, sexism, racism, with unequal parts of privilege and oppression. The ways of narrating involve a position in relation to the world and yourself, perception systems are active, they translate, they create partial ways of seeing and organizing worlds, what politically implies the knowledge production. The invention of other horizons and

\* Este texto foi elaborado a partir da disciplina "Ecologias Menores: Corpo, Arte e Cuidado diante do Plantationoceno", ministrada pela Profa. Dra. Marina Souza Lobo Guzzo, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Unifesp.

1 Graduada em Psicologia pela Unesp, pós-graduada em Saúde Mental, mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Unifesp. E-mail: [fernandacarlam@gmail.com](mailto:fernandacarlam@gmail.com)

2 Professora Associada do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP - Campus Baixada Santista e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde e no Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde da Unifesp. Email: [f.liberman@unifesp.br](mailto:f.liberman@unifesp.br)

3 Professora no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Unifesp. Email: [marina.guzzo@unifesp.br](mailto:marina.guzzo@unifesp.br)



perspectives for the production of potent knowledge in the deconstruction of axis of domination and in the expansion of life. Situated knowledge, networks of connection and openings, intersectionality, active micropolitics. Becoming-decolonial.

**KEYWORDS:** Modes of existence. Knowledge production. Resistance.

---

*“Uma vida define-se pelo fluxo vital que atravessa a experiência ilimitada. A conjunção entre o gesto menor e o viver-uma-vida é uma ecologia política que opera no nível do *in-act* e que pergunta a cada junção o que mais a vida poderia ser.” (MANNING, 2019, p. 15).*

Meu primeiro encontro com a lagoa foi no horizonte. Era tanto azul, que se incorporava com o céu. Devir-céu, devir-lagoa. De longe, meus olhos fascinados desconfiavam da miragem, precisavam de toque, de imersão, de corpo. Lembrei dos acasos que me atravessaram e que me levaram até ali, das sutilezas que provocaram meu desvio de rota, de planos que já eram um tanto incertos. A poeira pairava lenta no ar, nas mesmas velocidades que acompanhavam aquele povoado. A Laguna de los Siete Colores em seu Pueblo Mágico.

Fui me aproximando e descobri que o lago não tinha margens, não tinha bordas, e isso não era nada poético. Era concreto. A concretude do capitalismo já roubava os ares, lançava seus tentáculos, seus consumismos, suas durezas e explorações turísticas. Indignante, mas não surpreendente. Com isso meus olhos já estavam calejados. A Laguna de infinitas cores estava sufocada em suas bordas, dividida em propriedades privadas, que cobravam para quem quisesse se aproximar. Experimentar tinha um preço. Alguém me disse que somente a quilômetros de distância talvez seria possível achar um pedaço de margem livre de grades ou construções. Lá onde talvez ainda não seria de interesse do capital.

Entre conversas, soube também que havia sim, ali no meio, no entre, um acesso público para o lago. Fui conhecer. Era nada mais nada menos do que o espaço de um píer. Uma plataforma de cerca de dois metros de largura, feita de madeira sobre a água, levava para essa área, de alguns metros quadrados, coberta, de onde era possível mergulhar. Com horário restrito de funcionamento. O sol que se pusesse logo, ou seria perdido seu espetáculo. A parte menos colorida para quem não pode pagar, para o povo menos colorido de cores capitalísticas.



Capitalismo devorador de montanhas (KRENAK, 2020), de ouro, de diamante, de rios, de lagos, de cores, de existências.

A resistência se apresenta nas delicadezas e potências da vida. A Laguna tinha seus cenotes<sup>4</sup>, cada um com seus contos e mistérios, com suas cavernas e conexões subterrâneas. Alguns tão profundos que nenhum mergulhador tinha conseguido encontrar seu chão, sob uma forte pressão da água e de outras forças mágicas e enigmáticas. O Cenote da Bruxa, amplo, redondo, a céu aberto, rodeado pela mata, de águas escuras e profundezas incertas, alertava sobre perigos e impedimentos. Não era lugar onde se deveria nadar, nem onde se poderia se descuidar. A intensidade misteriosa daquele espaço afastava turistas, curiosos e até a exploração capitalista. Força de magia. A Laguna transbordava em outras dimensões, em outras conexões multiespécies, outras bruxarias, outros seres mágicos, outros piratas, outras histórias, em literatura oral, produzindo infinitos para além de suas margens capturadas. “A diversidade, biológica e social, se amontoa defensivamente em margens despercebidas.” (TSING, 2015, p. 193).

A Laguna, que em alguns pontos não tinha fundo, e em outros tantos se fundia com o céu, plena de histórias encantadas, resistia transbordante à exploração de suas margens, aos seus contornos gradeados, à violência colonial capitalista. Um tsunami de intensidades. Naqueles poucos metros quadrados públicos do píer, em horários permitidos e não permitidos por humanos e para humanos, pude experimentar também um tanto de não-humano, um tanto de encantamento, um instante de suspensão de tempo e espaço, um deslocamento de mim e de certos mundos. Um devir-imperceptível? Um devir-nômade? Um devir-minoritário? O que mais a vida poderia ser?

Escolhemos um ponto de vida para observar o mundo (COCCIA, 2018) e para começar este texto: “o universo vive, ele é, em toda escala, um produto do vivente, e é somente ao vivê-lo que se poderá explicá-lo, não o inverso. A vida tende a devir mundo para si mesma e para os outros [...]” (COCCIA, 2018, p. 11). Tentamos cultivar palavras, corpo, conexões, rizoma, a criatividade dos sentidos, fazer pontes, nos situar, dar existência a ideias, reativar o animismo, “recuperar a capacidade de honrar a experiência, toda experiência que nos importa, não como ‘nossa’, mas sim como experiência que nos ‘anima’, que nos faz testemunhar o que não somos nós” (STENGERS, 2017, p. 11).

4 Os cenotes, na cultura maia, constituem fontes de vida, de líquido vital, entradas para outro mundo. Existem cenotes abertos, semiabertos, cavernas, que podem estar parcial ou totalmente inundados. Seus processos de formação podem durar milhares de anos. A região da Península de Yucatán se modificou radicalmente com as mutações climáticas. Saiba mais em: <https://www.gob.mx/inpi/articulos/cenotes-un-paraiso-bajo-el-agua> e <https://www.subacuatica.inah.gob.mx/index.php>.



Essas são sementes de algumas histórias experimentadas, lembradas e recriadas da Laguna e seus azuis. “Qual é a forma do mundo que se dá a ver no corpo do próprio vivente?” (COCCIA, 2018, p. 11). Bacalar, um Pueblo Mágico do México, pareceu um pluriverso possível para pinçar linhas que movimentassem o pensamento sobre o reencantamento da vida, “o encantamento como ato de desobediência, transgressão, invenção, e reconexão: afirmação da vida, em suma.” (RUFINO; SIMAS, 2020). Com suas inúmeras ecologias, um recanto, que entre tantos cantos caribenhos, resiste. Alguns habitantes locais, em composição com suas paisagens multiespécies, encontram linhas de proteção e refúgio em suas histórias criadoras de mundos. Um vigia noturno do píer contava sobre seres que por ali passam no silêncio das madrugadas. “Como responder com vida a um sistema de desencanto?” (RUFINO; SIMAS, 2020).

Naquele píer público, conheci também alguém em devir-mulher-bruxa. Esgotada de tantos desencantos, ela se via sozinha e entristecida. Sentada em um canto, me notou antes que eu a reparasse, e iniciou conversa. Percebeu que eu também estava sozinha. Contou um pouco de sua história. Um casamento de muitos anos terminado recentemente, um relacionamento abusivo que a sufocava. Ela ainda sentia dificuldade de respirar. Ainda sentia certas amarras de um modo de vida privatizado, normatizado, empurrado, imposto, que embaçavam sua vista, descoloriam seus caminhos e a lagoa que a rodeava. Ela estava viajando sozinha pela primeira vez, entre medos, incertezas, euforias, expectativas, culpas, buscando refazimentos. Conversamos como velhas amigas que não se veem há tempos, abrimos horizontes, fizemos parentes (HARAWAY, 2016), alianças, questionamos a “fumaça que paira nas nossas narinas” (STENGERS, 2017, p. 9).

Entre suas pluralidades, ela contou que conduz cerimônias ancestrais tradicionais de sua etnia, em um espaço cuidadosamente preparado na Cidade do México e em outros lugares não urbanos. Temazcal, uma celebração de fogo, terra, cantos, tambores, pedras vulcânicas, águas e plantas medicinais, magias. Minha nova parente já carregava potentes poéticas políticas em seu modo de existir e praticar o saber (RUFINO; SIMAS, 2020). Partilhamos cultivos recíprocos, “o mundo começa sempre no meio, e não para nunca de começar” (COCCIA, 2018, p. 11).

Nas costuras das experiências de sermos constantes jardineiros e jardins (COCCIA, 2018), o processo de descolonizar o pensamento pede que nos situemos e nos impulsiona a repensar modos de viver e fazer mundos. A força da narratividade que compõe Bacalar cria existências, produz afetos, movimentos, relações, realidades. As narrativas enunciam configurações sociais, políticas, estéticas. Krenak (2020) fala da resistência de povos indígenas com a ampliação de horizontes existenciais, com a expansão de subjetividades, com a fuga da lógica de mercado e das



ausências de sentido de vida e de sociedade, a partir da invenção de liberdade, com as múltiplas narrativas de diferentes povos, com a diversidade de visões e poéticas sobre a existência.

A exploração capitalista deixa suas manchas, pluridimensionais, estéticas e políticas. O conceito de Antropoceno vem direcionar olhares para as evidências sobre o impacto do ser humano no planeta. Mutações climáticas, atmosféricas, geológicas, vitais. Haraway (2016) aponta o Antropoceno como um evento-limite, destruidor de espaços-tempos, marcador de descontinuidades graves, e que a necessidade de nomeação potente - assim como Plantationoceno ou Capitaloceno - para essas dinâmicas de forças e poderes, tem relação com a escala, a velocidade, a complexidade.

Penso que o nosso trabalho é fazer com que o Antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos os sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstituir os refúgios. Neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não humanos, e sem refúgios. (HARAWAY, 2016).

Guattari (2012) coloca que a instauração de centros de hiperexploração e de imensas zonas de miséria, fome e morte vem fazer parte do sistema de poder do Capitalismo Mundial Integrado (CMI). As espécies desaparecem junto com palavras, gestos, lutas de emancipação. O CMI se sustenta em certos regimes semióticos econômicos, jurídicos, técnico-científicos e de subjetivação. A subjetividade capitalística se anestesia, evita a singularidade, controla existências, gera seus mundos. Precisam ser organizados novos operadores, novos processos de singularização, novos vetores de subjetivação, novas configurações existenciais, novas práticas ecológicas, micropolíticas, microsociais, estéticas e analíticas das formações do inconsciente. Uma ecosofia, em articulação ético-política, entre três registros ecológicos - do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana (GUATTARI, 2012).

O sistema de plantation e o trabalho de pessoas escravizadas sustentaram a expansão europeia de colonização, na produção maciça de riquezas e misérias, em que divisões raciais foram forjadas e impostas para sua fundamentação. A domesticação de mulheres e plantas decorre de uma configuração política em que seus confinamentos foram úteis para maximizar a fertilidade, com o manejo da reprodução humana e da agricultura intensiva de cereais para viabilizar a constituição do Estado, da propriedade privada e da hierarquização social. As práticas eugenistas englobaram inclusive as mulheres brancas como agentes de higiene racial (TSING, 2015).

Kilomba (2019) aponta sobre o racismo cotidiano, sobre vozes que foram caladas há muito tempo, em uma história coletiva de opressão racial, de escravização, e a necessidade em escrever e narrar a própria história, em falar por si, em passar de objeto a sujeito, como um ato político, de



descolonização, de resistência. Visibiliza ainda a ausência de neutralidade na academia e na ciência, e a ligação destas com o poder e a autoridade racial, com uma ordem violenta colonial, hierárquica, sexista, promotora de silenciamento e de invalidação de determinadas vozes. Nessa linha, tece também Stengers (2017, p. 4): “[...] aquilo a que se chama Ciência, ou a ideia de uma racionalidade científica hegemônica, pode ser entendido em si mesmo como produto de um processo de colonização”.

Haraway (1995) afirma a ciência como campo de poder, com partes desiguais de privilégio e opressão, com práticas de dominação, com questões éticas, políticas e epistemológicas. Na questão da ciência para o feminismo, relacionado a um posicionamento crítico em um meio social marcado pelo gênero, coloca que: “Gostaria de uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados.” (HARAWAY, 1995, p. 18). Conhecimento localizado, situado, corporificado, de perspectiva parcial, interseccional, em redes de conexão e aberturas, com instrumentos teóricos, com objetos como atores e agentes, com a necessidade de nomear onde estamos, de nos posicionar, de responsabilização por práticas de visualização. A visão não é passiva, passa pelo poder de ver, os sistemas de percepção são ativos, traduzem, criam modos parciais de ver e de organizar mundos.

A política da narratividade, com a escolha de uma posição narrativa na pesquisa, as técnicas utilizadas, as maneiras de apresentar dados, de analisar, indica modos de expressão, o que implica politicamente a produção do conhecimento. As formas de narrar envolvem uma posição em relação ao mundo e a si mesmo. Intervir em modos de narrar instituídos pode fazer emergir as condições de produção do narrado, e dar passagem à experiência do traçado de uma linha de fuga, uma linha de criação para outro território existencial possível (BENEVIDES; PASSOS, 2015). Onde a vida precisa fluir? O que escolhemos para dar visibilidade? O que pretendemos fazer existir? No que intencionamos intervir? Com que olhares? Que lentes? Que escritas precisam de invenção? Invenção politicamente implicada.

Uma perspectiva de produção de saberes potentes na desconstrução de eixos de dominação e na ampliação da vida. Sentir o “cheiro da fumaça que exige que decidamos se somos herdeiros das bruxas ou dos caçadores de bruxas.” (STENGERS, 2017, p. 15). Como criar formas subversivas de olhar e de enunciar? Como ampliar o potencial de intervenção, de afetabilidade, de produção desejanter? Experimentações, alianças, intensidades, composições, paisagens. Implicação política. Bússola ética. Povoar a produção de conhecimentos, as ciências, as pesquisas, as metodologias, a



vida, com outras histórias, outros modos de narrar, outras referências, outras encruzilhadas, outras filosofias, outras ecologias. Devir-decolonial.

Despret (2016) fala que toda teoria é uma matriz narrativa, que afeta o que se conta, o que se observa, o que se tece entre os acontecimentos, o que se silencia, o que se invisibiliza. Propõe uma ecologia da atenção, do tato, da preocupação, que pensa os seres nos laços que tecem juntos, na relação, na afinidade, na sedução, na sensibilidade, nas experimentações criadoras, nos improvisos de novas formas de viver. A vida nos torna inventivas, fazedoras de histórias, de conexões, de presenças, de costuras.

A lógica capitalística, que atravessa e captura lagoas, cavernas, bruxas, produção de conhecimentos, academia, territórios existenciais, com suas visões de mundo fabricadas, seus modos de viver normatizados, vendidos como ideais, promove a composição de relações de poder, de exploração, de consumismo, de sujeição do outro. O turismo arrastado por essa dimensão predadora também atropela existências, invisibiliza vidas, movimentando desejos por ocupar o lugar opressor, o lugar de ser servido, o lugar bem delimitado pelo dinheiro, com um processo de naturalização da ideia de que os habitantes locais - humanos e não humanos - existem para nos servir, para que desfrutemos, para que tirem nossas fotos, para que lidem com nosso lixo.

O reencontro com a Laguna foi na escrita. Marcas que insistiam em virar palavras. Histórias em vias de diferir. Captar movimentos de fabulação e de constituição de um povo. “O que é preciso é pegar alguém que esteja ‘fabulando’, em ‘flagrante delito de fabular’. Então se forma, a dois ou em vários, um discurso de minoria.” (DELEUZE, 1992, p. 157). Minoria criadora, desvios, rupturas, micropolítica ativa, estética da existência, pensamento-artista, resistência. “A lógica de um pensamento é como um vento que nos impele, uma série de rajadas e de abalos. Pensava-se estar no porto, e de novo se é lançado ao alto mar [...]” (DELEUZE, 1992, p. 118). Devir-vegetal-laguna-mulher-bruxa.

*Recebido em: 30/03/2022*

*Aceito em: 30/04/2022*

## **Bibliografia**



BENEVIDES, R.; PASSOS, E. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.) **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 150-171.

COCCIA, E. **A virada vegetal**. São Paulo: N-1edições, 2018.

DELEUZE, G. **Conversações**: 1972-1990. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DESPRET, V. O que diriam os animais se... **Chão da Feira** - Caderno de Leituras, n. 45, 2016.

GUATTARI, F. **As Três Ecologias**. 21. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom**, Campinas, n. 5, 2016.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação** - Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MANNING, E. Proposições para um movimento menor. **Moringa Artes do Espetáculo**, João Pessoa, UFPB, v. 10, n. 2, p. 11-24, 2019.

RUFINO, L.; SIMAS, L. A. **Encantamento sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

STENGERS, I. **Reativar o animismo**. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017.

TSING, A. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015.